

Contar histórias e transformar vidas: entre o drama da Covid-19 e a costura de informação, literatura e oralidade na Grande Vitória, ES, Brasil

Telling Stories and Transforming Lives: Between the Covid-19 Drama and the Sewing of Information, Literature and Orality in Grande Vitória, Espírito Santo State, Brazil

Marcelo Calderari Miguel

Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: marcelocalderari@yahoo.com.br

Antonio Luiz Mattos de Sousa Cardoso

Docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: antonio.cardoso@ufes.br

Sandra Maria Souza de Carvalho

MBA em Biblioteconomia pelo Instituto Faculdade Alfa – Alfamérica.
E-mail: sandramsc@hotmail.com

Rogério Zanon da Silveira

Docente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: rogerio.silveira@ufes.br

RESUMO

O contexto sociocultural entrelaça a animação cultural e a ambiência lúdica e alarga a arte performance do contar histórias como um artefato da tecnologia ubíqua. O escopo do estudo é compreender a atuação dos contadores de histórias profissionais da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e, portanto se analisa a adaptação desses interagentes diante as transformações impostas pelo período de pandemia da Covid-19. A abordagem situa uma perspectiva qualitativa da pesquisa e alcança relatos de vida sobre a profissão e os sentidos que direcionam a ação de expor e dramatizar histórias. Adentram-se nas perspectivas e percepções sobre o elemento voz, corpo e presença; para promover conteúdos e, assim, expor sua marca ao público-alvo. Aponta-se que novos tempos exigem mais abertura à mídia-educação e as experiências aqui relatadas foram construídas no sentido de impactar as práticas pedagógicas. O contar histórias traz significados e valores ao processo literário e a prática leitora e esse campo de atuação impulsiona as pessoas, fortalece a cultura e as instituições.

Palavras-chave: Contação de Histórias; História de Vida; Práticas Discursivas; Oralidade; Interação.

ABSTRACT

The socio-cultural context intertwines the cultural animation and the playful ambience, extending the storytelling performance art as an artifact of ubiquitous technology. Thus, this study objective is to understand the role of professional storytellers in da 'Metropolitana da Grande Vitória' Region (Espírito Santo State, Brazil), and thus the adaptation of these interactants towards the transformations imposed by the pandemic period of Covid-19 is analyzed. The approach situates a qualitative perspective of the research and reaches life reports about the profession and the meanings that direct the action of exposing and dramatizing stories. The results penetrate the perspectives and perceptions about the element voice, body, presence, to promote content and, thus, expose its brand to the target audience. The conclusion points out that new times demand more openness to the media-education and, the experiences reported here were thought to have an impact on pedagogical practices. Storytelling brings meanings and values to the literary process and the reading practice, and this field of action drives people, strengthens culture and institutions.

Keywords: Storytelling; Life's history; Discursive practices; Orality; Interaction.

1 CONTAR HISTÓRIAS E MULTIPLICAR A CIDADANIA

Penso na possibilidade de pensar as imagens por meio de um olhar que se deixe tocar pela experiência: pela experiência daquele que criou o roteiro, do ator que representou a cena, do espectador que se emocionou, que se deixe tocar também pelos próprios personagens, pelas histórias narradas, todas de algum modo inventadas e produzidas (FISCHER, 2013, p. 35).

A Contação de histórias não se encontra atrelada exclusivamente ao imaginário infantil. Contar histórias faz parte de um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento do imaginário, do 'Era uma vez'. Quanto mais as crianças ouvem histórias, mais enriquecido se torna o seu imaginário (CAVALCANTI, 2013, p.22).

A tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. O uso desse instrumento estimula não apenas a imaginação, a criatividade, mas também o gosto e o hábito da leitura. Assim, entende-se que “a contação de histórias é instrumento que serve como ponte para transitar nas dimensões afetivas, cognitivas e sociais do ser humano e ampliar os significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias e cidadãs” (PERES; NAVES; BORGES, 2018, p. 152).

Quase em todas épocas e lugares do planeta Terra, a palavra possui um poder de encantamento, pois as vozes criam acontecimentos, onde a oralidade precede a escrita no mais denso mundo. Cabe afirmar que a narração é, por certo, um dos aspectos mais importantes do processo linguístico da humanidade, além de ser uma das atividades mais antiga, um processo cultural, todas as aprendizagens descobertas, conquistas e avanços da humanidade foram comunicados no início de geração para geração, através da narração, que se tornou condição básica para a sobrevivência da espécie.

Hodiernamente, ressurgiu a história do contador profissional e entende-se que: “a contação de histórias, ao contrário de muitas percepções equivocadas, não está em desuso, ela está viva e difusa na sociedade, embora seu reconhecimento ainda não tenha alcançado a plenitude almejada de acordo com seu verdadeiro valor” (FLAVIANO et al., 2017, p. 47). Em suma, o ato ou ação de contar histórias coopera na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo dos ouvintes.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é compreender como a contação de histórias se estrutura na trajetória dos sujeitos, profissionais que atuam na Região Metropolitana

da Grande Vitória (RMGV) diante das limitações impostas pelo encaminhar da pandemia da Covid-19. Esses profissionais descrevem seu trabalho como que uma aproximação de vidas e uma forma de desenhar futuros na cabeça e emoções do seu público.

Sobre a Covid-19, Aquino *et al.* (2020) relatam que há agudas inseguranças do contágio e recrudescimento dos comportamentos redutores de risco (quarentena, distanciamento social, confinamento). Assim, aponta-se que não é possível estabelecer, “precisamente, qual a sua duração, exceto que, provavelmente, será de vários meses [...], e a grande proporção de trabalhadores informais exige que [...] sejam instituídas políticas de proteção social e apoio a populações (AQUINO *et al.*, 2020, p. 2443).

Quanto às conexões entre o tema contador de história e a pandemia da Covid-19, cabe destacar que na atividade de contação de histórias, os profissionais foram afetados tendo o campo de atuação drasticamente reduzido e reconfigurado para nichos da internet. Grosso modo, a ação cultural é expor e atuar com público num clima de cumplicidade, os recursos de interação são fundamentais para o curso do processo estético – a voz, o olhar, o seu estado de espírito, o domínio sobre a história a ser narrada – e, as expectativas e percepções patentes são esferas que dão qualidades a atividade de narrar histórias.

A justificativa do estudo se correlaciona com a importância da contação de história para o campo da Ciência da Informação (CI) e os profissionais de informação, visto que, as histórias contribuem para aprendizados, incentiva a leitura, a criatividade e a imaginação. Estudar esse profissional aliado às transformações do mercado, o qual manifesta múltiplas mudanças no exercício profissional, traz à tona uma pauta imprescindível à CI. Há, deste modo, a urgência de lidar com protocolos, extenuações e a possibilidade de trazer esperança e levar divertimento num momento de pandemia, onde se lida com isolamento social e quarentena. Portanto, as entrevistas realizadas, bem como os critérios de seleção dos entrevistados também são resultantes dessas limitações. Desse modo, o estudo também averigua como os contadores de história se adequaram às tecnologias para se unir a esse novo contexto.

2 O FAZ DE CONTA E O ENVOLVENTE MEDIAR DA INFORMAÇÃO

As histórias despertam no ouvinte a criatividade, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Assim, o estado da arte a seguir aborda: o início e a transformação da arte de

narrar histórias (2.1), a oralidade e encantamento (2.2) e o profissional contador de histórias e a interação com o profissional da informação, o bibliotecário (2.3) que envolve a ecologia da informação e a arte de contar histórias.

2.1 O BEM REPRESENTATIVO E SIMBÓLICO: O ATO DE NARRAR HISTÓRIAS

Nas sociedades tradicionais, os conhecimentos fundamentais da vida eram transmitidos através da narrativa de mitos e contos. Nessas sociedades, os valores, as várias formas de relação familiares, sua origem, sua formação cultural, seu comportamento na comunidade e os papéis sociais, eram ensinados aos mais jovens pelos mais velhos através dos contos. A narrativa de histórias é uma ação divertida e de responsabilidade social e, em termos gerais, “os contos de fadas abordam temáticas relativas a questões existenciais do ser humano, inclusive abordando alguns conflitos humanos universais e que são sempre solucionados ao final da história” (GONÇALVES; NUNES, 2018, p. 10).

Moraes (2017, p. 2) frisa que:

Na década de 1970 nos Estados Unidos, muitos narradores tornaram-se profissionais da literatura oral. Um resultado disso foi a criação da National Association for the Perpetuation and Preservation of Storytelling (NAPPS), agora National Storytelling Network (Rede Nacional de Literatura Oral), que auxilia a angariar recursos para narradores e organizadores de festivais. Há quase três décadas foi criado o Dia Internacional do Contador de Histórias - 20 de Março, na Europa pelos contadores de histórias suecos [...]. Vale lembrar que o contador de história é um dos ofícios mais antigos de que se tem notícia. Tem sua origem na tradição oral, pois o conhecimento era transmitido verbalmente de uma geração para outra. Graças a esta oralidade, sociedades e culturas antigas foram preservadas [...]. Para além da narrativa feita pelos pais e avós na cabeceira da cama ou ao redor de uma fogueira, hoje o contador se tornou uma profissão [...] [e assim é] promotora da valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro e ferramenta para acesso à cultura em nosso país [...]. Assim, não resta dúvida quanto à importância destes profissionais para a cultura brasileira e mundial [...]. E nosso ordenamento jurídico deve dispor sobre o tema, definindo os profissionais, valorizando a sua atuação em nossa sociedade multicultural e democrática.

Torrenti (1996, p. 51) ressalta que a palavra do narrador fixa no cérebro do ouvinte, garantindo a reprodução futura. Contar história e o seu dinamismo nos leva a percepção que há emissão da voz e do corpo e que também há corpo na voz – isso situa a necessidade de manifestar os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores, tem sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias. A oralidade, que sai do corpo, vai se transformando e produzindo sons

que trazem encantamento, divertimento, segredos, criatividade e atira o imaginário nas Sociedades Pós-Industriais.

Cardoso, Costa e Miguel (2021) também afirmam que contadores de histórias são os descendentes dos ancestrais e o tempo não é o único parâmetro que caracteriza essa vivência. A oralidade envolve herdar a fidelidade à tradição e à sabedoria como patrimônio a ser transmitido e preservado, isto é, formar e reformar o próprio repertório pela voz e pela letra, no vai e vem do escutar, no ler e contar, no ato de contar outra vez e, assim, escutar e ler outra vez. É evidente que, nesse paradigma, o papel interdisciplinar humanizador traria a contação de história um papel mais destacado – além de ajudar a passar o tempo e a vencer o tédio.

2.2 A ORALIDADE E O LÚDICO, CAMINHO DE APRENDIZAGEM E DE AVENTURANÇAS

Levando-se em conta que contamos histórias para interagir, Café (2015, p. 67) cita que essa prática sensibiliza e abre as comportas do imaginário, atribui sentidos e significados ao ouvinte, e descortina multidirecionais possibilidades de mudanças e instiga a “curiosidade - fator essencial para o ensino/aprendizagem, organizando pensamentos e tantas mais”. Assim, como toda arte, a arte de contar histórias possuem segredos e técnicas e dessa forma:

Contar histórias de livro, de forma espontânea, fazendo o ouvinte vibrar, imaginar e se emocionar, exige domínio da leitura. Exige conhecimento do contexto e treino da leitura [...]. Sem dúvida, contar é diferente de ler, e a experiência com a linguagem interfere nas facilidades ou dificuldades, que podem ser superadas [...]. No momento, o interesse é perceber a importância de uma preparação prévia, tanto para contar, como para interpretar que, em muitos pontos, podem ser coincidentes (CAFÉ, 2015, p. 159).

Brandão e Balça (2019, p. 105) alegam que mesmo que as narrativas sofram alterações e influências culturais elas se mantêm presentes no mundo atual. Afinal, contar histórias é revelar segredos e é necessário gostar de literatura, gostar do ser humano, sentir prazer na arte de narrar histórias, sempre acreditando na palavra e na força dela encantar as pessoas de todas as faixas etárias.

As emoções são transmitidas pela voz, portanto saber modulá-la e torná-la expressiva deve constituir um treino constante. As histórias, de certa maneira, expressão a forma mais significativa que a humanidade valer-se para centrar e proclamar conhecimento – o abrir de conversas, caminhos e horizontes:

Toda narrativa começa com uma orientação, onde são apresentados os personagens e situada a história no tempo e no espaço, isto é, explica-se para o leitor ou ouvinte quem participa da história e onde e quando ela se passa. Essas informações iniciais funcionam como elementos motivadores do leitor ou ouvinte. Depois da orientação vem a complicação, que é uma sequência de peripécias e acontecimentos que levam a um ponto crítico, também chamado de clímax. É o ponto mais emocionante nas narrativas de aventura, história de amor e de suspense. Depois do clímax vem a resolução em que a complicação se resolve. Geralmente a resolução vem precedida de elementos de avaliação. Fácil não é? Essa estrutura ajuda a prender o interesse do leitor [...] (GARCEZ *et al.*, 2007, p. 64).

Coelho (1991) alerta que o sucesso de uma narrativa depende de vários fatores que se interligam: i) é necessário conhecer o interesse do ouvinte, além de considerar também o gosto do narrador, a história tem que despertar a sua emoção para ser contada com sucesso; ii) conhecer a história, o que não significa decorá-la, mas pesquisar todas as nuances e possibilidades de exploração oral. Estudar uma história é antes de tudo emocionar-se, captar seus sentidos, divertir-se com ela, além de identificar os seus elementos essenciais; iii) é optar pela forma de apresentação da história, observando o local e a faixa etária; iv) e, finalmente, antes de narrar a história é importante estabelecer uma pequena conversa para facilitar o entendimento do enredo e evitar interrupções.

O mediador da oralidade necessita ousar e inovar com narrativas diversificadas, vestindo seus trajes, criando personagens, abrindo assim espaços para o diálogo de forma que possa contaminar e propagar o vírus da leitura e provocar uma rede epidêmica de leitores. Faz-se de fundamental importância que o mediador oral faça a cultura da troca de informações e experiências aos ouvintes - estabelecendo a interação e, assim:

É bom também lembrar que a prerrogativa da palavra é do ser humano, portanto, todos nós poderemos ser transmissores de lindas histórias; é também bom lembrar que existem instrumentos e técnicas para fazê-lo de forma harmoniosa [...]. As histórias brincam com o narrador e com os ouvintes, brincam e criam ao dizer e desdizer; os contos deixam no ar coisas, muitas vezes, indizíveis, que só os olhos da imaginação sabem traduzir. Então, o contador é um artista da voz e do gesto que desenvolve um trabalho solitário diante de um público com o qual ele cria uma convivência por intermédio de uma narrativa. Muita gente se questiona: serei capaz de adquirir a arte e a ciência do “contar”? Obviamente que sim, mas terá que dominar a arte da palavra e da imaginação criadora e começa por se considerar o contar histórias como uma atividade muito importante que requer clareza nas suas intencionalidades. (GIORDANO, 2013, p. 43-44).

Knoche (2013, p. 576-594) assinala que o ato de ler ou ouvir histórias possui função terapêutica, ou seja:

[...] é por meio da fruição literária e contos que os indivíduos podem adquirir o

entendimento acerca de valores, do mundo, dos outros, bem como a si próprios. A leitura liberta estimula o imaginário, auxilia em novas descobertas, agrega conhecimentos, amplia horizontes, desenvolve o raciocínio lógico, amplia o vocabulário e a capacidade de comunicação, entre tantos outros fatores benéficos [...] além de favorecer o externar dos sentimentos e emoções, reforçam a identificação, o respeito para com o outro, libertam a imaginação e a criatividade, podendo transformar não tão somente o ouvinte, mas também o próprio agente responsável por tais ações. Sendo esta experiência para alguns, fonte inesgotável de pesquisa e prática, traduzida em carinho, sensibilidade, cidadania e responsabilidade social.

Vansina (2010, p. 166) declara que as tradições têm “comprovado seu valor insubstituível. Não é mais necessário convencer os estudiosos de que as tradições podem ser fontes úteis de informação. O que devemos fazer agora é melhorar nossas técnicas de modo a extrair das fontes toda a sua riqueza potencial”. A experiência é essencial para o mediador oral, primeiro pelo seu envolvimento com outros mediadores, numa troca constante, discutindo textos e buscando recursos variados. Portanto, o mediador oral faz-se de grande relevância na vida dos indivíduos, principalmente, na infância ela se torna muito significativa.

2.3 O PROFISSIONAL CONTADOR DE HISTÓRIAS: UM ARTISTA PECULIAR EM CENA

Trabalhar profissionalmente como contador de histórias – Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) 2625-05 e a Biblioteca Escolar surge como potencial pólo dinamizador e articulador, por excelência, de ações culturais que ampliam a imaginação e pautam formas de coerência para a realidade. Assim, a pesquisadora Café alerta que, “perante esta nova realidade, proliferam cursos, *workshops*, alguma literatura que, entre outros aspectos envolvem a narração oral, aconselham acerca dos espaços e momentos de narração” (CAFÉ, 2015, p.37).

Bortolin e Melo (2016, p.8) apontam que, ao exercer a função de mediador (oralidade, gestualidade e ritmo), o contador de histórias “deve gostar do seu trabalho e estar comprometido com ele, para que a sua performance aproxime o leitor-ouvinte da história narrada e não o afaste”. Destarte, o narrar histórias instiga à imaginação, a criatividade, incentiva o gosto pela leitura e contribui na formação da personalidade da criança, desenvolvendo padrões relacionais (cognitivos, emocionais e comportamentais).

Café (2015, p. 191) argumenta que “quem conta um conto aumenta um ponto! Esse ditado popular ilustra o que acontece com as histórias, revela como as narrativas vão se transformando, ao longo dos tempos, comprovando a dinamicidade da cultura”. Por sua

vez, a pesquisadora salienta que a contação de histórias na perspectiva da arte é “apreciar as várias possibilidades de interpretação por parte dos ouvintes e contadores na presença e ação do contar, assim como avaliar ou ponderar, sobre a eficiência das formas, linguagens e técnicas utilizadas na narração” (CAFÉ, 2015, p. 257).

Os contadores de histórias constituem o ofício primordial do ponto de vista linguístico. E, não apenas do ponto de vista linguístico, mas também cultural, pois a narração de histórias é um importante recurso de sustentação e transmissão das culturas. Fischer (2013) situa que o contar histórias é algo participante da práxis pedagógica e, tal ação, serve de elo no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a pesquisadora comenta sobre a importância de se gerar experiências, enquanto ‘criativa ferramenta’, para se pensar a relação entre mídia e educação:

Algumas narrativas midiáticas solapam experiências, outras as incitam, outras ainda as pasteurizam e, portanto, as destroem. Dizer também que a escola e a pesquisa acadêmicas – ambas cada uma a seu modo – poderão falar e tratar da experiência quando e como puderem, pela arte, pela poesia, pela narrativa – modos fundamentais de pensar o sensível, pensar o vivido [...] (FISCHER, 2013, p. 34-35).

Em suma, a narrativa provoca no ouvinte diversos sentimentos em relação à história, desde a identificação, rejeição, compaixão, ira e desejo em viajar para vários lugares. Dependendo da desenvoltura do mediador, a oralidade pode se tornar contagiante e a plateia, que ouve a história, em muitos casos, pede para que seja repetida inúmeras vezes. Por conseguinte, a matéria prima é a palavra e pode ser cultivada – posto que a voz é a marca do mediador oral, e a sua marca traz a sua voz, como também seu estilo, a escolha da história traz significados, entretêm, representa, pacifica sentimentos, tira e desperta dúvidas e também cura. Assim, compreende-se que:

[...] as artes, as mídias e as tecnologias, hoje, não apenas exercitam novas percepções sensoriais como provocam a construção de novos significados e aprendizados que dizem respeito à própria relação com a tecnologia, que permite diversas formas de comunicação e interação na sociedade atual (FANTIN, 2012, p. 61).

A ambiência da biblioteca escolar e o profissional da informação atuam de forma mediadora e criativa – isso estimula as crianças a imaginar e brincar – interações que ocorrem em grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, pois o fantasiar e o (re)criar antecedem a leitura. Para Nunes e Santos (2020), um dos grandes problemas enfrentados pelo bibliotecário escolar é apresentar às crianças o

ambiente da biblioteca e fazer com que essas crianças e jovens se sintam interessadas em frequentar o local.

Silva, Alencar e Bernardino (2017) apontam que:

A valorização da contação de histórias na biblioteca escolar contribui para o desenvolvimento da aprendizagem, ampliando e estimulando o aumento do gosto pela leitura, e os recursos auxiliares e criativos utilizados na contação de história mostrou-se uma saída para colaborar com a promoção, estímulo e atração para a Biblioteca Escolar, utilizando-se de elementos inseridos no contexto escolar, onde aplicados e explorados, proporcionará um ensinamento significativo através do encantamento das palavras (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO, 2017, p. 20).

Gomides e Gomes (2018) entendem que as propostas de ação cultural nas bibliotecas públicas e escolares são inúmeras e envolvem o debate em roda, saraus, contação ou mediação de histórias, trocas e doações de livros, recital e concursos de poesias, estórias cantadas, exibição audiovisual. Nesse sentido, as concepções do pesquisador Lankes (2016) e outra autoridade no tema, questionam qual é o subsídio para se ajuizar que a essência das bibliotecas é ‘apoiar a leitura de recreação?’. A réplica para este ponto depende de sua comunidade e, além disso, a real ação gira em torno de indivíduos que querem transformar o prazer pela leitura em algo social ou orientado a um objetivo maior (LANKES, 2016).

3 VIA METODOLÓGICA

O caminho metodológico se funda na perspectiva qualitativa da pesquisa e visa alcançar nos relatos de vida a atuação do ‘contador de histórias profissional’ e alguns sentidos que impulsionam a ação de narrar, cantar, brincar, expor e dramatizar histórias. Dessa forma, parte-se do pressuposto que as trajetórias de vida se entrelaçam socioculturalmente ao ambiente lúdico e informativo da atividade profissional.

O objetivo da pesquisa é analisar e compreender como o elemento ‘contação de histórias’ se estrutura na trajetória dos sujeitos, renomados profissionais da área, que atuam na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV, Espírito Santo) diante o momento em curso da Pandemia da Covid-19. De tal modo, a seleção/chamado dos entrevistados não ocorre tendo como objetivo subsidiar uma mera representação generalizada da categoria, mas busca trazer à tona questões que envolvem as relações e as perspectivas socioconstrutivistas dessa profissão.

Assim, ao adotar a ótica de Antunes (1999) e de Cardoso, Costa e Miguel (2021), esse estudo adentra numa perspectiva teórica que coloca o trabalho como uma atividade transformadora da natureza e subjetivada pelo agente transformador de histórias e ainda, ao encontro dessa via epistemológica se frisa que o exercício profissional espelha orgulho em fazer a atividade – uma missão.

Crozatti (1998) aponta que o trabalho pode ser percebido de formas variadas, mas sempre é direcionado a um objetivo específico que gera uma troca. Todavia, é importante ressaltar que o período de pandemia da covid19, foi um fator limitador para se aprofundar na metodologia ‘história de vida’, já que os profissionais contadores de história tiveram que se adequar a nova forma de atuação. Assim, mesmo com a pandemia, se buscou ancorar das entrevistas com os pressupostos da metodologia história de vida e as adaptações que o contexto impôs aos rumos dessa pesquisa com articulação feita com recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

No método história de vida, o interagente externaliza por meio da linguagem (narração) e de sua perspectiva pessoal às experiências vividas e os sentimentos sentidos (autoimagem, alegria, exultação, percepção, expectativas, frustrações, ânsias, silenciamento). Assim, alguns pontos são para Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007) importantes, e se destacam no que diz respeito ao método História de Vida, como:

[...] o vínculo entre pesquisador e sujeito, a questão da relação estabelecida, o sentido que o sujeito dá para sua história, e sua ressignificação e condição do discurso são uma ponte entre o social e o individual [...] Assim encontramos a possibilidade desse sujeito de refazer sua trajetória, de reconstruí-la, ressignificando seu caminho [...] Ao contar sua vida, o sujeito fala de seu contexto – fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido. Ao se trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos, através do método de História de Vida, temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores que ele elegeu e, ainda, à ideologia. [...] O método de História de Vida é um método científico com toda força, validade e credibilidade de qualquer outro método, sobretudo porque revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano (SILVA; BARROS; NOGUEIRA; BARROS, 2007, p. 29-34).

No campo da CI, o método História de Vida tem sido utilizado por pesquisadores como Andrade e Melo (2017) e Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018), os quais buscaram compreender a trajetória de vida a partir de uma leitura compreensiva, situando um construto em termos de proposições dialogais.

O diagnóstico situacional, realizado no mês de março de 2021, abrange cinco agentes contadores de histórias profissionais da RMGV e se viabiliza nos preceitos da

metodologia ‘história de vida’ – que em uma perspectiva bio-psico-sociocultural ativa o expor das vivências do sujeito. Para manter o sigilo do nome dos respondentes, optou-se por utilizar nomes fictícios inspirados no ‘Quinteto Fênix’ – Ciclope X-Men, Emma Frost, Colossus, Magia e Namor (super-herói das HQs estadunidenses de 1990 da Marvel Comics) – que compartilham do superpoder significativo da entidade cósmica Fênix (personagem do combate na lua dos grupos Vingadores vs. X-Men pela Esperança).

O emprego da ‘história de vida’ angaria um rol de articulações sobre as percepções e expectativas do momento profissional. Ressalta-se que a História de vida é uma abordagem que pauta um continuum de reflexão-ação-reflexão, no que diz respeito aos sujeitos a partir da busca de alternativas no processo de reflexão e a relação horizontal e dialógica entre o pesquisador e os participantes, onde troca-se saberes oriundos do saber profissional e do bom senso.

4 DIAGNÓSTICOS E FEITOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DA PRÁXIS

A presente análise oferta um plano de retorno aos diálogos com os facilitadores, o que, por sua vez, produz uma troca de saberes de diferentes contextos e ciclos de vida. Busca-se enquadrar a experiência quotidiana e concepção de vida dos experientes profissionais para construção ativa da tessitura intersubjetiva dos entre-lugares.

4.1 O UNIVERSO DAS HISTÓRIAS CONTADAS/RECONTADAS: O OUVINTE É O ALVO

O painel que frisa a essência da atividade do contador de história ao encontro aos relatos de história de vida e adentra basicamente em seis tópicos: 1) a formação; 2) a área de atuação; 3) o público atendido; 4) recursos e repertório empregados; 5) a dimensão comunicativo-utilitária das histórias; e 6) as alterações no mercado do trabalho pela Covid-19. Assim, foram recolhidas narrativas em cinco rodadas de conversas, que perfaz um painel síntese de 160 minutos (aprox.) de entrevistas com cada um dos profissionais/entrevistados.

Quadro 1 – Comunicar e interpretar: depoimento na pauta etnográfica

Depoimentos, Aprendizagens E Outras Dinâmicas

Ciclope (50 anos) >> [...] Eu conto muitas histórias, me formei em pedagogia e sociologia e sou membro da rede internacional de contadores de histórias. Realizei cursos com Fabiano Moraes no grupo tapete mágico. Atuo profissionalmente contando histórias desde 1994 e nisso ganho parte das verbas que me mantém. Atuo com podcast e com o projeto colorir de formação em faculdades e ONGs – via recurso do *youtube, meet, zoom, igtv, tiktok, teams* e outros *apps* semelhantes. Sobre o recurso para contar histórias posso utilizar roupas, bonecos, e instrumentos musicais e sonoros – depende do público e do objetivo do evento. Assim bebo nas fontes de ícones como Jorge Benjor, João Bosco e Marcos Valle e apresento sucessos de outros compositores e repertório autoral. Gosto muito do livro da ‘Cacau Vilardo’ - a obra ‘Era uma vez...’¹. [Sobre o público atende] Ah assim, amo educação infantil e ensino fundamental séries iniciais, mas atuo com adultos principalmente em curso de formação. [A Covid-19 transformou o trabalho?] A arte curar o ouvinte, dar conforto, instrumentalizar um ateliê de esperança. A web ampliou a capacidade de atingir e atuar [...].

Emma Frost (43 anos) >> [...] Eu conto histórias e é o que faço de melhor. [A formação] Me formei em pedagogia e participei de vários seminários de contação de histórias pelos países do Cone Sul - Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. [Sobre atuação] Pois é, trabalho há 25 anos em escolas, igrejas, aniversários e festas diversas como feiras e bienais e um *mix* de histórias, parábolas e parlendas. [Acerca do público] Conto contos, e apresento para todas as faixas de idade e instituições. [Os recursos e repertório] As histórias vão fluindo, avançam com dinâmica e fantoches, fantasias e perucas, espanto e cantos. Para internet invisto em cenário, sonoplastia, figurino, além de uma boa história. [Sobre o repertório de trabalho] Adoro a obra ‘O pássaro sem cor’² de Luiz Norberto Pascoal, contudo há um vasto rol e gama de primazias. A escolha se tange nos ditames do público, do evento e da data comemorativa. [Alterações no trabalho pela Covid-19] Em qualquer lugar que sou solicitada e posso estar. A pandemia alterou o Estar presente. Assim, tenho outras formas de interação e socialização já que as apresentações não podem ser presenciais, ocorrem no mundo online.

Colossus (60 anos) >> [...] Minha profissão é antiga e lendária, é conquista e orgulho diário. [A formação] Me formei em administração e não exerço mais essa profissão; fiz curso de psicanálise clínica e atuo profissionalmente com a arte de contar e encantar com histórias. [Sobre a área de atuação] Fiz múltiplos cursos da administração, porém amo a área de psicanálise, na verdade amo lidar com pessoas. Faço cursos livres, a ocupação de psicanalista é configurada como atividade livre e a isso alio a arte e o poder de curativos das histórias. [Acerca do trabalho] Tenho um consultório e atuo para o entender do comportamento e, atualmente o meu atendimento é virtual e enfocando um público acima de 12 anos de idade. [Recursos e repertório] Via vai, história vem – eu posso informar que há uma variabilidade nos repertórios e bagagem. O que tange livros e narrativas prefiro resgata a magia de contos e fábulas e causar transformação e aprendizado. O ‘Escorpião e a Rã’, por exemplo, é a fabulosa lenda sobre a fala que o lacrau pede ao Sapo que o leve nas costas na travessia de um rio [pausa e sorrir] Há essas ‘Fábulas de Esopo’³ da *Coleccion Cucaína* me faz refletir sobre o papel das representações no árduo ecoar do teatro que é a vida. [Pandemia muda o trabalho?] Com a Covid-19 aumenta-se instância das terapias integrativas e complementares, maximiza o uso de *smartphone* e os dramas também. Assim, a moral da história e dessa crise sanitária é que ‘nada deve ser subestimado e todos os atos de gentileza são importantes’.

1 Era uma vez..., escrito por Cacau Vilardo e editado por Paulinas, é quase uma metalinguagem dos contos de fadas da Literatura clássica. Cacau nos presenteia com uma menina que encontrou um livro nada comum: nele havia somente uma página com a seguinte frase - Era uma vez –e intrigada, a menina, vai viver muitas e muitas aventuras.

2 Você já imaginou um pássaro sem cor? Pois esta é a história desse bichinho, mas não é uma história triste... É uma verdadeira lição de solidariedade e cidadania. Um passarinho sem cor achava que seria motivo de piada por ter nascido diferente. Mas ele não contava com o auxílio de um grande sábio, que o ajudará a descobrir quem ele é na realidade, uma ave mágica. Qual será a sua mágica?

3 Escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares.

Magia (54 anos) >> As histórias fazem parte da vida profissional e também da vida social e coletiva, envolvem não apenas artefatos ou personagens – o contar história é prática tão comum a vida de versados e complexa em causar espantos. [Indagada da formação] Minha formação acadêmica é na área da Comunicação Social e tenho a habilitação ao jornalismo. [Questionada como se deu a atuação profissional] Tenho alguns CDs de histórias e músicas, com participação da Bia Bedran, Benita Prieto, Zé Bocca, Jujuba e Ana Nogueira e assim fui gostando cada vez mais das narrativas, das técnicas empregadas, das formas como se conduz a oralidade. Assim posso afirmar que oficialmente conto histórias desde 1996 e fui aprimorando cada vez mais. [Acerca do público que atende] O que posso dizer? Sei que tenho realizado trabalhos diversos em clubes, asilos, festas, escolas públicas e particulares, teatro, ruas e praças. A maioria dos meus trabalhos envolve o público infanto-juvenil, mas também para terceira idade [...] adoro o potencial que o Centro de Convivência da Terceira Idade oportuniza para isso. [E o que está em seu repertório] Em geral vou levando a vida na certeza de que tudo passa, mas as histórias ficam, minhas histórias são de humor e essas são as mais pedidas pelo público. Meu recurso é a memória que tenho e a voz que potencializa em mil outras e para milhões de ouvidos. [Sua atuação é cultural ou artística?] O ato e a atuação é cultural e não é o texto em si, tem um lado musical e sonoro e se faz com momento de silenciamento. [Histórias/livros preferidos] Minhas histórias tem tradição do folclore e estão dentro dos mitos, lendas, cantigas, festejos e brincadeiras de adivinhas. Se for para destacar uma obra posso afirmar de pé junto que adoro as ‘Malasaventuras: Safadezas do Malasartes’⁴ [Pedro Bandeira] que tem um ar caipira e esperto usa invencionices em episódios hilariantes. [Alterações no trabalho pela Covid-19] Os tempos mudam minha gente, quem já não leu o romance Cem Anos de Solidão [Gabriel García Márquez] que leia! Absurdos acontecem [...]. A pandemia não apenas reduziu tudo para o tamanho da tela de um celular: restringiu à forma de vigorar a educação, a informação.

Namor (28 anos) >> Eu conto histórias e isso é transformar gente, as histórias são vivas e acolhedoras de gente: elas não se economizam, mas perpetuam o tempo e no espaço. [Sobre a formação] Tenho experiência na área de Educação, sou licenciada em educação física e, participei de eventos na Academia Feminina Espírito-santense de Letras, nas Editoras Paulus e Paulinas de Vitória com o tema - Contação de Histórias. [E qual área atua?] Estou e me faço presente em escolas, festas infantis e eventos corporativos. E a experiência mais inusitada futurística foi contar histórias no trem da Vale [Trem de Passageiros da Estrada de Ferro Vitória a Minas - TPEFVM]. [Qual o seu público?] Então são muitos e de fato foco no infantil e crianças de 0 a 12 anos, mas as pessoas estão em todos locais: quer seja na faculdade ou bibliotecas, quadras e praças, parques e favelas. Minha comunidade é o coletivo seja presencial ou virtual. [Quais histórias te move?] Gosto demais do que faço e faço porque gosto, faço para transformar vidas para educar e legado deixar, as histórias tem poder de grudar valores e libertar angustias. Adoro a narrativa da ‘A festa no céu’⁵ nas versões de Ângela Lago, Braguinha [João de Barro], Ana Maria Machado, Cristina Porto, Maria Viana e outras tantas paródias dessa lenda. E que de um tanto que foram contadas acabaram-se por se encontrar. Assim tenho uma variabilidade de repertórios e dinâmicas. Busco dar alma para apresentações: articula corpo, timbre e as batucadas da festança no céu. E, não paro para pensar na moral das histórias, sei que todas elas têm algo a expressar [...]. História puxam o entreter, o brincar e o fantasiar. [A Covid-19 alterou a rotina?] A pandemia possibilitou mais fácil acesso de pessoas e há outras pessoas que contam histórias, através das tecnologias. A doença faz o isolar e aproxima. Adentra em dilemas da aprendizagem, luto, finanças e medos. A minha atuação passou a se exclusivamente online [...].

Fonte: Elaborado pelos autores (2021); falas dos contadores profissionais da RMGV, maio 2021.

4 Pedro Malasartes, ou Malasarte, é um personagem da cultura portuguesa e da brasileira que se veste das aventuras de um astuto herói popular. Ele protagoniza peripécias como o conto a ‘A sopa de pedra’ e vive em artimanhas, ludibriando outros com uma astúcia disfarçada de ingenuidade?

5 Diz que entre os bichos da floresta se espalhou a notícia de que haveria uma festa no Céu. Porém, só foram convidados os seres que voam e, os outros animais sem asas fizeram de um tudo para ir.

Esse método é importante para o desenvolvimento de pesquisas na área da CI e Comunicação, garantindo uma aproximação entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador, além disso, o processo de recolher as histórias de vida se dá no tempo de reencontros. Sobre o ato contar história como lugar capaz de preencher as necessidades culturais entende-se que:

Uma sociedade pós-industrial tem a ver com a prestação de serviços. É um jogo entre pessoas. É alimentada por informação, não por força muscular, não por energia mecânica: 'Se uma sociedade industrial é definida pela quantidade de bens que marcam um padrão de vida, a sociedade pós-industrial é definida pela qualidade de vida medida pelos serviços e equipamentos — saúde, educação, recreação e artes — que hoje estão disponíveis para todos'. O elemento central é o profissional, pois ele ou ela está equipado com a educação e o treinamento para fornecer as habilidades necessárias para capacitar a sociedade pós-industrial. Isso anuncia a ascensão da elite intelectual — o trabalhador do conhecimento. As universidades tornam-se proeminentes. A força de uma nação é determinada pela sua capacidade científica (SIEBEL, 2021, p. 24)

Assim, memória social gera novos eventos formatos para a participação de todos e, uma universidade atuante agi em prol de projetos de inovação social e comunitária. De tal modo, os pesquisadores Silveira, Miguel e Del Maestro (2021) argumentam que a interligação da produção de conhecimento de uma universidade e a transferência dessa informação para a sociedade, pode ser observa na atuação da extensão universitária.

4.2 ENTRE A MISSÃO DE TRANSFORMAR VIDAS E MEDIAR ARTE: MISCELÂNEAS E NARRATIVAS

O pensador da Escola de Frankfurt – Walter Benjamin – reporta que a narrativa faz com que o acontecimento se integre “na vida do contador de histórias para passá-lo aos ouvintes como experiência. Por isso, o contador de história deixa na experiência as suas marcas [...]” (BENJAMIN, 2015, p.109). Dessa forma, entende-se que os contadores de histórias ajudam a preservar essa memória e a lidar com a preservação do patrimônio documental, artístico e cultural a partir das interfaces das instituições-memória e a plasticidade das neurociências e educação.

Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007, p. 29-34) apontam que por intermédio de entrevistas as memórias contadas por via de narrativas situam um rol de princípios informativos e estruturantes da análise. Nesse cenário, articulares percepções e expectativas história de vida como método de história oral reportar um grande desafio ao

registro documental; e esse, tem base de cinco narrativas individuais – que situam a própria biografia e o pensamento do sujeito coletivo.

Destarte, Ciclope X-Men, Emma Frost, Colossus, Magia e Namor ao contar suas vidas pontuam também o contexto informacional. No seio da atividade narrativa, há o '(re)encontro de experiências' transmitidas de indivíduo para indivíduos – essa é a trilha destacada na atuante falas de 'Emma Frost' e 'Magia'.

A contação de histórias é uma coisa social e que faz parte da vida da gente. Somos seres humanos e experienciamos contar algo para alguém. Nossa cultura é oralmente popular, e por conta da Covid-19 a arte das histórias e as mediações de leitura avançam na web. O ato de criar ao ler uma história, inventar, reinventar, ganhou uma amplitude ainda maior com as lives e a desinformação se combate com educação. A prática de contar histórias é o reconto como patrimônio de um povo, traz em si a perpetuação de tesouros e gerações, situa o zelo e a memória e carisma. Posso ainda revelar que para mim e muito outros colegas a missão do contador de histórias é muito real em tempos de pandemia e assim temos o dever de transformar vida, acolher almas e ser o fio de prumo no desconcerto desse mundo (EMMA FROST, 2021).

As experiências advindas com o novo Coronavírus nos fez testemunhar centenas de iniciativas pelo mundo que realmente pontuam um acalento ao coração. E eu tenho vários canais do youtube, muitos vídeos gravados atuando na contação de histórias. Contudo, em tempos como esse, a ideia do 'ao vivo' dá mais interação e as pessoas me assistindo em casa, se conscientizam da importância da campanha [#FiqueEmCasa]. Tem uns pícaros aí, contadores de histórias, fazendo lives em horários diferentes do dia para atender o maior número de regiões de todo o país (MAGIA, 2021).

Nas entrevistas, destaca-se que cada um que ouve histórias, vai também construindo a sua própria narrativa de vida. O relato dos sujeitos apresenta algumas interpretações e câmbios acerca de uma comunidade que atua no combate a *fake news*, e para isso, é preciso ter em mente que contar histórias é travar 'batalha' e ponderar um fio de prumo ao desconcerto desse mundo. Assim, a prática baseada em evidência (PBE) revela que a aprendizagem desse contador envolve “o deslocamento, ou a transferência da linguagem escrita para a linguagem oral, considerando a multiplicidade do repertório existente e as experiências de oralidade do sujeito contador” (CAFÉ, 2015, p. 211).

O narrar histórias é instrumentalizar a esperança, acreditar, e viajar pela estrada maravilhosa do 'Era uma vez', partindo da conjectura que, as histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadores, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Contemplando o cenário de peleja, dada a crise sanitária da Covid-19, os entrevistados salientam que:

Devemos falar em 'leitura desde o berço'. Desde cedo, a criança deve receber doses variadas de leitura ao longo do dia – a contação de

histórias deve estar presente no café da manhã, nas leituras associadas às rotinas do dia, sem faltar, nas leituras na hora de dormir. Em tempos da Covid-19, vale instigar a comunidade a valorizar a literatura e a literacia familiar. E, quem puder que ajude aos que não tem acesso aos livros e histórias. Em duros tempos de pandemia o livro deve contaminar a todos. Assim, os clubes [de assinaturas] de livros ganham cada vez mais leitores, e assim se proliferam e surfam na onda do isolamento social. Está em alta e, atrair ou ampliar novos olhares e para todo tipo de público (NAMOR, 2021).

A pandemia, o isolamento social, a minha opinião ética e uma política de não violência deve refletir muito sobre a vida que levamos e o mundo em que vivemos. E quem é profissional da reflexão por via de histórias, tem uma atenção especial para a sociedade e em trazer textos que vão além dos posts e *postcards* de rede social para uma dimensão da valorização da vida em tempos de tantas perdas, a contação de histórias auxilia muito na transformação do momento hostil (COLOSSUS, 2021).

A pandemia da Covid-19 trouxe uma ressignificação dessa pesquisa pela possibilidade de discutir a mediação da leitura e a atuação dos profissionais da informação que focam em contar histórias sem a presença do público. A condução da ação cultural é “para nós, energia humana recheada de olho a olho, sorriso diante o verbo, abraço apertado, aglomerações. E, estamos sentindo muita falta disto agora” (Namor, mar. 2021). Consequentemente, o duelo também pontua a esfera biblioteca (escolar, comunitária, pública) e um depoimento retrata que:

A biblioteca, seja ela física ou virtual, é um campo riquíssimo de pesquisa para o contador de histórias. Biblioteca e os bibliotecários são capazes de instruir e criar laços, fortalecer vínculos para aturar na questão da literacia informacional, mediática e familiar. Considero que todo contador de histórias experiente é sem dúvida nenhuma um autor, e a mediação é um fator primordial que faz por incentivo e por hábito de ler. Assim digo mais, o bibliotecário é líder, protagonista de transformação e promotor da competência em informação e, em tempos de quarentena - por conta de uma pandemia - a biblioteca deve continuamente valorizar os livros e a leitura interativa. Permite que se disperse rapidamente o vírus da leitura. E por via *youtube*, *instagram* e *facebook* a arte de contar histórias vai vastamente sendo anunciada junto a grupos e organizações de pessoas com deficiência auditiva e visual e dispondo acesso a um maior número de pessoas (CICLOPE, 2021).

De acordo com os resultados e a análise realizada, pode-se dizer que a pesquisa atingiu seus objetivos, pois antes da Covid-19 os cinco entrevistados estavam se apresentando por todo o país, contando histórias presencialmente, ministrando oficinas de formação, produzindo exposições interativas, e inaugurando a ocupação de espaços não formais nunca antes destinados aos contadores de histórias como os planetários, galerias de arte, museus, arquivos, etc. Com as histórias contadas, é possível traçar um painel de preservação e memória, estimular a imaginação, tonificar lugares e

acontecimentos para favorecer os processos da aprendizagem ao longo da vida – inúmeras são as possibilidades⁶ e transições.

5 FECHA A TRAMA, DESPERTA-SE OUTRAS: O ENCERRAMENTO PARA UMA REFLEXÃO QUE COMEÇA...

Quem dera eu pudesse fazer uma mágica para nos tirar desse confinamento, que pudesse fazer todos sentirem a chuva cair. É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível. Para combater esse vírus, temos de ter primeiro cuidado e depois coragem (KRENAK, 2020, p.8).

É hora de contar histórias, no ‘era uma vez’ pauta de um outro mundo possível. A Contação de história transforma vidas e a humanidade! Arredada na escolha dos contadores de histórias o estudo busca compreender como as atividades desses profissionais, adaptam e reformulam a forma de atuação na RMGV diante as transformações impostas pelo período de pandemia da Covid-19. Assim, adentra-se em outras e novas formas de existir e de narrar, e se busca expandir novas vias e janelas para se pensar a temática no âmbito da CI.

O estudo permitiu verificar algumas maneiras de como a contação de histórias foi reconfigurada na ocupação dos profissionais contadores de histórias da RMGV. E regatando o Quinteto Fênix - Ciclope, Emma Frost, Colossus, Magia e Namor - há que pautar que quando o contador optar por usar apenas ‘o poder da palavra’ ela passa a ser mais do que simplesmente uma leitura. Tem-se, assim, que a contação de histórias se origina de um conjunto de práticas ecológicas e informacionais.

O diagnóstico não alcança uma representação generalizada da categoria, mas as elucidações portam algumas vivências, práticas e competências que traz a luz uma contribuição socioconstrutivista dessa temática. A perspectiva da história de vida desses profissionais pauta as correlações da infoera; os entrevistados conjecturaram acerca do efeito da pandemia de Covid-19 no desenrolar da atividade narrativa – e a configuração de câmbios dos produtos e serviços às demandas informacionais de sua clientela. Nessa via, o estudo tece alguns diálogos entre o contador de história em acesso aos profissionais

⁶ Alguns narradores utilizam ferramentas sonoras e visuais, entre objetos que compõem seus personagens ou que ilustram suas histórias, já outros passaram por algum tipo de ‘mutação’ no modo pelo qual transmitem a história e acabam optando em usar seu próprio corpo e voz como elemento para enquadrar à narrativa.

de informação. Com tais aspectos, a pesquisa contribui para explanação de vindouras pesquisas acerca desse tema.

A entrevistada sexagenária aponta que o contar e narrar história é uma prática cada vez mais presente e assim a “contação de histórias é importante para a superação e melhora da saúde mental das crianças e das famílias”, explica Colossus (mar. 2021). A trilha de *empowerment* (empoderamento) pessoal, social e corporativa é reforçada diante o tecido de sociabilidades e aprendizagens que as histórias deixam em aberto ou nas quais aprovisiona um duro desfecho.

Para a formação de bons leitores, as ações e atividades de incentivo à leitura devem envolver a responsabilidade e acolhida. Espera-se, assim, também, que os contadores de histórias profissionais avaliem a importância da biblioteca, tanto quanto o espaço não formal de educação, pois o ato de contar histórias formará leitores críticos e reflexivos em qualquer meio ou suporte. Ademais, na oralidade se desenvolve o ato de contar histórias e “isso permeia os espaços culturais (como feiras do livro, festejos escolares, comemorações de datas simbólicas), ou até na interdisciplinaridade que é trabalhada diversos profissionais da informação e educação” argumenta Ciclope.

Por certo, não obstante os câmbios impulsionados pela Covid-19 e as novas conjunturas de comunicação, houve uma ascendente pauta para a abertura da mídia e as tecnologias aliada a figura do profissional contador de histórias, que é um interagente urbano que atuam em arenas diversas, empregas artifícios ou não, e não perdeu o alento do olhar, do declamar e da tradição oral. As histórias podem ser lidas ou contadas, podem transformar ou curar, mas, para que isso aconteça, é preciso obter responsabilidade e a sensibilidade para saber protagonizá-las. Sendo a escola ou a *web* espaços de reconstrução de conhecimento e da pluralidade dos processos sociais e culturais do presente e passado, deve-se prover especial atenção à contação de histórias – elas fomentam o futuro.

Ademais, temos um novo momento e a forma como contamos histórias se transforma, e se permanece fundamental o contar histórias no caldeirão de desenvolvimento cognitivo de qualquer criança. Assim, cabe ao pesquisador interessado descortinar os artifícios de narrar histórias, buscando nesse universo a erigir tantas outras respostas a seus pleitos de pesquisa.

Os resultados obtidos sugerem que o contar de história incrementa um papel educativo, contribui para o processo de ensino-aprendizagem e também revitaliza e

humaniza a missão dos contadores de história profissionais, as bibliotecas e dos bibliotecários. Nisso, corrobora Lankes (2016), o fortalecer de elos da biblioteca-comunidade destaca a cidadania, expressão máxima do direito, que construir e incitar o pensamento e a formação humanista, crítica e reflexiva; o que já impera em bibliotecas de países Europeus e igualmente nos Estados Unidos. Em última análise, notabiliza, grosso modo, o fortalecer e revigorar do ambiente estratégico-informacional da biblioteca/brinquedoteca emoldura e empodera os interagentes com a promoção da literatura, das práticas de educação literária, da curiosidade e da autonomia –afinal, #BibliotecasCriamFuturo (2021 o Ano Ibero-Americano das Bibliotecas).

Portanto, a contação de histórias pauta a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina. Estabelece as raízes culturais e o âmbito lúdico, traz um olhar mais humanizado, e assim, o profissional deve estar disposto a aceitar novos desafios, preparar-se para desenvolver atividades em unidade de informações e no âmbito das redes digitais – gerando e ampliando serviços, produtos e recursos para cidadania e cultura da paz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Veras de; MELO Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Informação@Profissões**, Londrina, n. 1, v. 6, p. 162-173, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67378>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

AQUINO, Estela Maria Motta Lima Leão de; SILVEIRA, Ismael Henrique; PESCARINI, Julia Moreira; AQUINO, Rosana; SOUZA-FILHO, Jaime Almeida de; ROCHA, Aline dos Santos; FERREIRA, Andrea; VICTOR, Audêncio; TEIXEIRA, Camila; MACHADO, Daiane Borges; PAIXÃO, Enny; ALVES, Flávia José Oliveira; PILECCO, Flávia; MENEZES, Greice; GABRIELLI, Ligia; LEITE, Luciana; ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de; ORTELAN, Naiá; FERNANDES, Qeren Hapuk Rodrigues Ferreira; ORTIZ, Renzo Joel Flores; PALMEIRA, Raquel Nunes; PINTO JUNIOR, Elzo Pereira; ARAGÃO, Erika; SOUZA, Luis Eugenio Portela Fernandes de; BARRAL NETTO, Manoel; TEIXEIRA, Maria Glória; BARRETO, Mauricio Lima; ICHIHARA, Maria Yury; LIMA, Raíza Tourinho dos Reis Silva. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2423-2446, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25s1/1413-8123-csc-25-s1-2423.pdf> Acesso em: 11 nov. 2020.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. In.: Benjamin e a Obra de Arte: Técnica, Imagem, Percepção. Trad. Marijane Lisboa. Tadeu Capistrano (org.). Contraponto: Rio de Janeiro, 2015.

BORTOLIN, Sueli; MELO, Janaina. NARRAR HISTÓRIAS NÃO É BRINCADEIRA. **Educação em Análise**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./jul. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/18673> Acesso em: 11 nov. 2020.

BRANDÃO, Claudia Leite; BALÇA, Ângela. Contos tradicionais e as crianças: diálogos entre Portugal e Brasil. **Em Aberto**, v. 32, n. 105, p. 93-106, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/26352>. Acesso em: 15 maio 2021.

CAFÉ, Ângela Barcellos Coelho. **Os contadores de histórias na contemporaneidade**: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. 2015. 277 f., il. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19310> Acesso em: 11 out. 2020.

CARDOSO, Antônio Luiz Mattos de Souza; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da; MIGUEL, Marcelo Calderari. A ação prática de contar histórias sobre a morte: o que muda ao dizer adeus. **Fontes Documentais**: GEPHIBES/IFS, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 7-26, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/110227>. Acesso em: 17 maio 2021.

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva; BEZERRA, Midinai Gomes. A mediação da informação na narrativa oral e na história de vida: proposições dialogais. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, Campinas, n. 2, v. 16, p. 461-482, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39990> Acesso em: 15-maio-2021.

CAVALCANTI, Zélia (org.). **Caderno de Leituras Companhia das Letrinhas**: orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Schwarcz, 2013. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CadernoLeiturasCompanhiadasLetrinhas.pdf Acesso em: 11 out. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991, p. 30.

CROZATTI, Jaime. Modelo de gestão e cultura organizacional: conceitos e interações. **Cadernos Estudos**, São Paulo, n. 18, p. 1-20, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cest/n18/n18a04.pdf> Acesso em: 17 set. 2020.

FANTIN, Monica. Mídia-educação no currículo e na formação inicial de professores. *In*: FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesar (org.). **Cultura digital e escola**: pesquisa e formação de professores. Campinas: Papyrus, 2012, p. 57-92.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia, educação e experiência. *In*: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (org.). **Liga, roda, clica**: Estudos em mídia, cultura e infância. Papyrus: Campinas, 2013. p. 25-40. Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/3681>. Acesso em: 17 set. 2020.

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; FARIA, Ingrid Graciele de; FALEIRO, Wender; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. A Influência Da Contação De Histórias Na Educação Infantil. **Mediação**, Pires do Rio, v. 12, n. 1, p. 30-48, 2017. Disponível em <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368> Acesso em: 15 maio 2021.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; SOUSA, Rosineide Magalhães de; RICARDO, Stella Maris Bortoni de Figueiredo; OLIVEIRA, Tatiana Figueiredo Nunes de. **A Descoberta da Leitura e da Escrita**: caderno de teoria e prática TP1 - Programa de Apoio a Leitura e Escrita PRALER.

Brasília: FNDE/MEC: Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/praler/tp/tp1.pdf> Acesso em: 13 jan. 2021.

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v21n22/04.pdf> Acesso em: 17 fev. 2021.

GOMIDES, Sarah; GOMES, Elisângela. Violência escolar e bullying: possibilidades de atuação da bibliotecária escolar com um olhar anti-homofóbico. In: SANTOS, Andréa Pereira dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino (org.). **Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura**. Goiânia: UFG, 2018. p. 174-189. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/366/o/Biblioteca_e_suas_interfaces.pdf Acesso em: 11 fev. 2021.

GONÇALVES, Josiane Peres; NUNES, Ivonete Marques de Souza. Mundo mágico dos contos de fadas: vozes das crianças. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 33, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/9040> Acesso em: 10 mar. 2021.

KNOCHE, Liège Maria Martins. Contar, ler e brincar: a importância da contação e da leitura de histórias aliadas ao lúdico como agentes transformadores da rotina hospitalar. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 576-598, set. 2013. ISSN 1414-0594. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6988>. Acesso em: 19 maio 2021.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANKES, Richard David. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. Tradução Jorge do Prado. São Paulo: FEBAB, 2016.

MORAES, Maria do Socorro Jô. **Comissão De Trabalho, De Administração E Serviço Público: Projeto De Lei Nº 7.232 e a apresentação Parecer do Relator n. 1. Projetos de Lei e Outras Proposições**, Brasília, jun. 2017. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1569010&filenam e=Tramitacao-PRL+1+CTASP+%3D%3E+PL+7232/2017 Acesso em: 21 set. 2020.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 3-28, jun. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pci/v25n2/1413-9936-pci-25-02-3.pdf> Acesso em: 15 maio 2021.

PERES, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 151-161, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v22n1/2175-3539-pee-22-01-151.pdf> Acesso em: 26 fev. 2021.

SIEBEL, Thomas. **Transformação Digital**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788550816876/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SILVA, Antonia Janiele Moreira da; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca escolar e mediação da leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 3, p. 36-44, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/39231> Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carlyne Reis ; NOGUEIRA, Maria. Luísa; BARROS, Vanessa Andrade. 'Conte-me sua história': Reflexões sobre o método história de vida. Mosaico: **Estudos em Psicologia**. Belo Horizonte, 2007, n. 1, p. 25-35. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/337005915/Conte-me-Sua-Historia-Reflexoes-Sobre-o-Metodo-de-Historia-de-Vida> Acesso em: 22 maio 2021.

SILVEIRA, Rogério Zanon da; MIGUEL, Marcelo Calderari; DEL MAESTRO, Maria Lúcia Kopernick. Extensão universitária no enfrentamento da COVID-19: a Universidade e o (re)configurar de projetos e ações. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 72 - 84, dez. 2021. ISSN 2237-826X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/76152>. Acesso em: 31 jan. 2022. doi:http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v10i1.76152.

TORRENTI, Neusa. Contar história: Esse Fio de Prumo a Orientar o Coração do Mundo. Minas Gerais. Secretaria de Educação. **Caderno de Informação e Arte**, Belo Horizonte: DDEC, 1996.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010. p. 139-167.

Recebido em: 29 de maio de 2021
Aprovado em: 15 de março de 2022
Publicado em: 10 de maio de 2022